

II Conferência do Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE):
“Dinâmicas da Pobreza e Padrões de Acumulação Económica em Moçambique”

Como é que a Pobreza é Projectada e Percebida a Partir das Janelas Virtuais da Internet? *Resultados de uma Pesquisa a 150 Websites*

António Alberto da Silva Francisco¹ e Rosimina Ali²

Palavras-chave: *Pobreza, Conceptualização Matriz de Conceptualização e Mapeamento da Pobreza, Websites, Blogs, Wikis*

Maputo

22-23 De Abril de 2009

¹ Doutoramento e Mestrado em Demografia (ANU) e Licenciado em Economia (UEM). Professor Associado da Universidade Eduardo Mondlane e Director de Investigação do IESE, antonio.francisco@iese.ac.mz.

² Licenciada em Economia (UEM) e Assistente de Investigação do IESE, rosimina.ali@iese.ac.mz.

RESUMO

A pobreza pode ser abordada e percebida de múltiplas maneiras: como estado de situação e como processo; como falta de recursos e como produto agónico; como expectativa e como comportamento ou atitude (na vida).

Imagens, conceitos, percepções, teorias e dados empíricos, veiculados pela Internet, contribuem e moldam nossas percepções sobre pobreza e bem-estar. Navegando no imenso mundo da Internet, como é que através das janelas dos nossos computadores a pobreza real é captada, se espelha e projecta virtualmente na Internet?

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa sobre 150 Websites, directa ou indirectamente, relevantes para o estudo sistemático da problemática da pobreza. A colecta e selecção dos sites, a partir de um total de 200 sites, foram efectuadas entre Novembro de 2008 e Janeiro de 2009. Após a selecção, os 150 sites foram analisados, avaliados e classificados segundo o quadro conceptual designado Conceptualização e Mapeamento da Pobreza (CMP) e uma matriz tridimensional chamada Matriz de Conceptualização e Mapeamento da Pobreza (MCMP), concebido especificamente para esta pesquisa, com critérios detalhados no artigo.

Várias são as questões que podem ser respondidas e debatidas, a partir da aplicação da MCMP aos sites em estudo, nomeadamente: 1) Quais os sites com abrangência suficientemente ampla, em termos de conteúdo, método e forma, no tratamento de percepções e teorias sobre pobreza, incluindo abordagens tanto científicas e académicas como ideológicas, políticas, culturais, morais e religiosas? 2) Quais os melhores sites sobre pobreza, identificados por esta primeira pesquisa? 3) O que distingue os sites, em termos de qualidade do seu conteúdo, método e forma?

Da avaliação efectuada, os 150 Websites foram classificados e ordenados por ordem decrescente, tem-se atribuído valores, numa escala de zero a vinte valores: Mau (0-4), Medíocre (5-9), Suficiente (10-13), Bom (14-16) e Muito Bom (17-20).

Da avaliação efectuada nenhum dos sites obteve classificação Muito Bom ou mesmo Bom. No entanto, os cinco sites classificados pela pesquisa como os cinco melhores websites sobre pobreza são os seguintes, no início do corrente ano de 2009, são os seguintes:

	World Bank (http://web.worldbank.org)
	Center for Global Development (www.cgdev.org)
	Eldis Community (www.eldis.org)
	Taking it Global (http://issues.tigweb.org/poverty)
	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (www.ibge.gov.br)

Quanto às avaliações e classificação dos demais Websites, convida-se o leitor a ver a última secção e conclusões do artigo. No final do artigo apresenta-se a listagem total dos 150 Websites contemplados nesta primeira pesquisa.

ÍNDICE

ÍNDICE	3
1. INTRODUÇÃO.....	4
1.1. ENQUADRAMENTO DESTE TRABALHO	5
1.2. OBJECTIVO DO TRABALHO	6
1.3. ESTRUTURA DESTE DOCUMENTO	7
1.4. LIMITAÇÕES DA PESQUISA	9
2. CONCEPTUALIZAÇÃO E MAPEAMENTO DA POBREZA (CMP).....	10
2.1. ANTECEDENTES DESTE TRABALHO: CLARIFICAR E CLASSIFICAR IDEIAS	10
2.2. ABORDAGENS RELEVANTES SOBRE POBREZA NUMA PERSPECTIVA INTERACTIVA	12
2.3. MATRIZ DE CONCEPTUALIZAÇÃO E MAPEAMENTO DA POBREZA (MCMP)	13
3. AS CATEGORIAS DA MATRIZ 3X3	20
3.1. DESCRIÇÃO DAS CARACTERÍSTICAS DISTINTIVAS DAS ABORDAGENS	20
3.2. OPERACIONALIZAÇÃO DA MATRIZ MCMP	22
3.3. CLASSIFICAÇÃO DOS 150 WEBSITES RELEVANTES PARA O ESTUDO DA POBREZA	25
4. CONSIDERAÇÕES GERAIS: QUAIS OS MELHORES E PIORES SITES SOBRE POBREZA?	25
4.1. RESULTADOS DA CLASSIFICAÇÃO DOS 150 WEBSITES.....	25
4.2. OS CINCO MELHORES WEBSITES E A POSIÇÃO DOS SITES MOÇAMBICANOS?	27
4.3. CONSIDERAÇÕES E FINAIS E OPORTUNIDADES PARA NOVAS PESQUISA.....	27
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	30
ANEXO 1: CLASSIFICAÇÃO DE 150 WEBSITES RELEVANTES PARA O ESTUDO DA POBREZA	32

*“Uma palavra que está sempre na boca
transforma-se em baba”*

(Provérbio Burundi, in Noite Dividida.)

1. INTRODUÇÃO

Os autores deste trabalho desconhecem as circunstâncias sociais e históricas que levaram a sabedoria popular no Burundi a inventar o provérbio em epígrafe. De qualquer forma, a mensagem que contem afigura-se relevante, ao veicular um sentimento cada vez mais generalizado na consciência quotidiana em Moçambique, de que muitos dos oradores públicos usam certas palavras, cujo conteúdo desconhecem; ou se conhecem não fazem acompanhar suas palavras com a acção e a substância necessárias, para que não se convertam em palavras vazias.

A questão da pobreza em Moçambique é um assunto demasiado sério e importante para que se permita ser banalizado. Os sinais de banalização do assunto da pobreza são vários, e o sarcasmo com que o humor popular tem lidado do uso abusivo de termos como “pobreza absoluta” sugere que tal expressão corre o risco de se transformar em baba, em vez de um instrumento operativo e efectivo na análise, avaliação e na acção prática.

Alguns exemplos são suficientes para ilustrar a forma como a consciência social está a reagir criticamente à banalização do discurso sobre pobreza em Moçambique. Os exemplos serão referidos a título ilustrativo apenas, pois não é este o objecto de atenção deste artigo e no painel da Conferência, onde este artigo se insere, outros oradores irão debruçar-se com maior detalhe sobre os discursos políticos sobre pobreza.

Reagindo aos recursivos discursos, em torno de declarações políticas sobre o combate à pobreza absoluta, a sociedade civil tem estado a reagir e a contrapor uma consciência crítica cada vez mais expressiva e pró-activa. De diferentes quadrantes da opinião pública surgem expressões e opiniões críticas, envolvendo jornalistas (e.g. Muala, 2008; Nhamtumbo, 2008; Hounnou)³ investigadores (e.g.

³ [Bordina Muala. Combater a pobreza no discurso?](#), O País 29.08.2008; Nhamtumbo, Noé. 2008. Pobreza absoluta da maioria, riqueza absoluta da minoria; *Ou quando a «Transparência Governativa» não passa de palavras...e se exige que não se brinque com coisas sérias.* Canal de Moçambique, http://www.canalmoz.com/default.jsp?file=ver_artigo&nivel=0&id=&idRec=3396. Edwin Hounnou. [Lutar contra a pobreza absoluta?](#), A TribunaFax de 16 de Janeiro de 2009.

Chichava, 2008⁴, Francisco & Matter, 2007; Hamela, 2003; Macamo, 2006), romancistas (Couto, 2003, 2005), cantores (Azagaia, 2009)⁵ e humoristas (e.g. Chaguitakaa NZero,⁶ Teatro Gungu)⁷.

Na falta de ideias, muitos oradores colocam palavras. Uma maneira de prevenir a banalização do significado de palavras importante é pela criação de uma massa crítica qualificada, capaz de assegurar que conceitos importantes cumpram sua função transmissora de mensagens e operacionalização de modelos ou programas de acção.

Não se pode desenvolver um debate inteligente e politicamente útil sem palavras e ideias com significado. A conceptualização contraria a banalização das palavras, o que por sua vez evita que palavras importantes se transforme em baba.

1.1. Enquadramento deste trabalho

A explosão da Web está a causar uma profunda revolução nos métodos e meios de investigação científica, ao nível sobretudo das disciplinas do domínio social e económico. A tecnologia da Web não só reduziu significativamente os custos de realização de pesquisas, mas acima de tudo ampliou extensivamente as oportunidades de realização de pesquisas mais sofisticadas e abrangentes.

Se bem que muitas entidades de pesquisa, com bom acesso aos meios da Web, continuem a circunscrever os métodos de investigação aos métodos tradicionais, anteriores ao surgimento da internet, o universo electrónico da Web pode já ser usado como laboratório e não apenas arquivo ou fiel depositário de informação.

Todavia, desde que o mundo virtual proporcionado por meios electrónicos como a internet se tornou disponível, tanto a revisão de literatura como a pesquisa científica em geral, tem ampliado seus horizontes analíticos. As fontes secundárias de informação teórica e empírica, através de material impresso, continuam ferramentas fundamentais na pesquisa. Porém, com o acesso à tecnologia da Web, o próprio acesso a artigos e livros ficou mais fácil e massificado.

⁴ Chichava, Sérgio. 2008. Discurso Político e Pobreza em Moçambique. Análise Crítica (draft). http://www.cean.cinquantenaire.sciencespobordeaux.fr/chichava_communication_en_portugais.pdf.

⁵ Trovador moçambicano, figura central da música Hip-Hop, com letras de crítica social que tem gerado bastante controversa, com destaque para as seguintes músicas: "As mentiras da verdade", "A marcha" e "Povo no poder".

⁶ Autor do programa radiofónico de humor da Rádio Moçambique, intitulado "O sorriso não paga impostos".

⁷ Grupo de Teatro, Peça de teatro intitulada "A demissão do sô ministro".

O presente trabalho faz parte de um subprojecto designado “Conceptualização e mapeamento da pobreza”, uma das componentes da pesquisa multidisciplinar do IESE, intitulada “Dinâmicas da Pobreza e desenvolvimento em Moçambique”.⁸

1.2. Objectivo do trabalho

As pesquisas sistemáticas no domínio das ciências sociais são antecedidas de uma revisão de literatura, destinadas a fundamentar teoricamente a abordagem a adoptar no tratamento do problema de pesquisa. Com base na análise da literatura publicada, o investigador pode traçar um quadro teórico e esboçar a estrutura conceptual, analítica e metodológica, de novas pesquisas específicas.

À primeira vista, uma revisão de Websites dedicados à problemática da pobreza pode surpreender, particularmente os investigadores habituados a revisões de literatura focalizadas em material impresso e fontes secundárias literárias. Porém, a evolução rápida de plataformas virtuais online, nas duas últimas décadas, estão a revolucionar os meios de comunicação, intercâmbio e também as ferramentas de trabalho e de pesquisa científica.

Na investigação científica, a revisão de literatura visa fundamentar e sistematizar a base teórica a adoptar na pesquisa. De igual modo, como se mostra neste trabalho, a revisão crítica do conteúdo, método e forma de sites electrónicos sobre pobreza, pode contribuir para fundamentar e sistematizar as ferramentas analíticas e metodológicas, através das quais se veiculam abordagens teóricas, conceitos, indicadores, metodologias e técnicas de análise, bem como políticas públicas, estratégias específicas, planos, programas e projectos com impacto, directo ou indirecto, no bem-estar e pobreza da população.

De forma resumida, a finalidade deste tipo de exercício, particularmente da classificação dos sites relevantes para se conhecer e estudar a situação da pobreza, é contribuir para uma conceptualização da pobreza de maior qualidade a nível internacional, em Moçambique em particular, e no IESE em especial. Melhorar a conceptualização em três dimensões: conteúdo, método e forma:

⁸ O projecto inicial, formulado há um ano atrás, continha três áreas principais: 1) Conceptualização e análise da pobreza, vulnerabilidade e desigualdade; 2) Análise dos padrões económicos e sociais de acumulação; 3) Discursos, silêncios e debate político sobre pobreza, desenvolvimento e instituições. No início do corrente ano procurou-se operacionalizar e focalizar a pesquisa em torno de linhas de pesquisa específicas, as quais proporcionam o enquadramento da II Conferência do IESE.

- Conteúdo e substância analítica, riqueza e pluralidade para uma reflexão e investigação que permita melhor o conhecimento e entendimento. Distingue-se conhecimento e entendimento, na perspectiva explicada no Ideias1 (Francisco e Ali, 2008, ver Caixa 1);
- Método de intercâmbio e comunicação com os utilizadores, evidenciado através do tipo de site; se é convencional ou de primeira geração, em que o utilizador é principalmente receptor e não produtor de informação; se é aberto à comunicação, mas mais em termos de diálogo e interacção com os utilizadores, como acontece com os blogs; se permite a produção em pares, como acontece com os sites de 2ª geração, particularmente wikis, em que os utilizadores podem contribuir e adicionar conteúdos.
- Forma do site – Qualidade da acessibilidade e interacção técnica (fraca, razoável ou forte), acessibilidade (fraca, razoável ou forte).

1.3. Estrutura deste documento

O presente documento contém a descrição do quadro conceptual, analítico e metodológico, da classificação de Websites, internacionais e nacionais, directa ou indirectamente relevantes para o estudo da pobreza em Moçambique.

Este trabalho divide-se em duas partes. A primeira parte apresenta o quadro conceptual e metodológico, incluindo a matriz de critérios usado para a classificação dos websites. A classificação é feita de acordo com um quadro conceptual designado Conceptualização e Mapeamento da Pobreza (CMP), concebido especificamente para esta pesquisa.

A segunda parte do artigo apresenta os resultados da avaliação e classificação dos websites, num total de 150 websites, internacionais e nacionais, incluindo três tipos de categorias: sites convencionais, blogs e wikis. A partir da classificação e avaliação dos 150 Websites, procurou-se responder a questões como as seguintes: 1) Qual a abrangência, em termos de conteúdo, método e forma, dos websites dedicados à problemática da pobreza? 2) Que os sites abrangem uma vasta gama de percepções e abordagens sobre pobreza, tanto científicas e académicas como de carácter ideológico, político, cultural, religioso e moral? 3) Do ponto de vista de forma técnica, os sites são de primeira ou de segunda geração (ou seja, permitem uma intervenção directa e efectiva do utilizador, ou são meros fornecedores de informação e de uma ou mais perspectivas sobre pobreza? 4) Quais os melhores sites sobre pobreza, tendo em conta a qualidade do seu conteúdo, do método e da forma do site? 5) Em que posição se classifica actualmente o site do IESE, mesmo sabendo que tem apenas um ano de existência e um núcleo reduzido de investigadores permanentes?

A terceira e última parte do estudo discute os resultados da classificação e avaliação do site. Como se refere acima, na finalidade deste tipo de trabalho e contribuir para a melhoria da conceptualização e mapeamento da dinâmica da pobreza. Ao optar por um método sistemático e com critérios explícito, tanto quanto possível identificáveis e susceptíveis de serem aperfeiçoados, procura-se tirar proveito especificamente para o trabalho realizado pelo IESE.

Ao identificar-se a posição em que se encontra o IESE, no conjunto de sites contemplados, procura-se extrair lições sobre as áreas mais fracas e necessitadas de mais trabalho e atenção. Eventualmente, o IESE pretende que a sua Página de Web se conquiste uma posição de relevo e de referência entre os melhores sites sobre pobreza a nível internacional, nas três dimensões tomadas em consideração.

Caixa 1: A Diferença entre Conhecer e Entender



Conceptualização e Mapeamento da Pobreza António Francisco e Rosimina Ali

...

1. Descrever, Prever... e Entender?

Cada dia que passa mais difícil se torna acompanhar a crescente e rápida proliferação de publicações sobre pobreza, a nível internacional. Diariamente, somos assaltados por uma enorme avalanche de informação, escrita e electrónica. Como lidar e gerir esta situação? Seremos capazes?

Não admira que a resposta imediata seja de dúvida quanto à possível, ou até mesmo utilidade, em tentar abarcar tudo o que hoje se conhece sobre pobreza. Porém, como defendem filósofos e cientistas da teoria do conhecimento moderna, o conhecimento se sofisticava e estrutura cada vez mais. Mas só um conhecimento melhor estruturado permite entender o que é conhecido sobre o objecto de estudo (Deutsch, 2000; Popper, 1999).

E neste ponto um esclarecimento simples mas importante é necessário. A conceptualização e mapeamento da pobreza assentam, neste subprojecto, na ideia que o entendimento da realidade não depende de saber muitos factos, ou da acumulação enciclopédica de informações e dados. Mesmo que fosse possível criar uma super-base de informação e dados, é duvidoso que o esforço e custo de tal empreendimento compensassem, em termos de melhor entendimento. E a razão desta dúvida é simples.

O entendimento das coisas, e da vida em geral, não depende de saber muitos factos, mas de ter os conceitos, explicações e teorias adequados. Melhor entendimento consegue-se através de teorias explicativas e por causa da generalidade que tais teorias possuem. É importante distinguir entendimento de mero conhecimento (descrição e previsão). Enquanto este último assenta na descrição e previsão, o entendimento tem a ver com explicação. De forma simples e aproximada, enquanto o conhecimento diz respeito a "o que", "onde" e "quando", o entendimento trata de "por que" e "como".

Ser capaz de descrever e prever fenómenos e processos de mudança, não é necessariamente suficiente para os entender. Através de descrições e previsões é possível conhecer coisas; por exemplo as condições de vida e de pobreza da população em Moçambique. Mas para entender as suas causas, a estrutura, dinâmica e mecanismos da sua reprodução, será preciso explicá-las. E não existe melhor maneira de entender a estrutura da realidade, se não for pelo entendimento das teorias que a explicam.

2. Como Lidar com a Actual Avalanche de Informação?

Como solução para o problema de se tornar cada vez mais difícil conhecer tudo que é conhecido, a opção deste projecto é encontrar uma forma, acessível, manejável e relativamente fácil, de estruturar o conhecimento e entendimento sobre a dinâmica da pobreza.

Para isso vai ser preciso equilibrar os dois efeitos opostos do aumento do conhecimento: a crescente *amplitude* da informação e das teorias e a sua crescente *profundidade*. A amplitude das teorias torna mais difícil; a profundidade torna mais fácil. Eventualmente, a superação da primeira pela última dependerá mais do aperfeiçoamento da estrutura do que do conteúdo do conhecimento.

...

Texto completo em, www.iese.ac.mz.

1.4. Limitações da Pesquisa

Como primeiro exercício, ou uma das poucas incursões no domínio escolhido, certamente que este produto da pesquisa efectuada irá revelar lacunas, áreas ambíguas, aspectos tratados de forma superficial e subjectividades merecedoras de atenção e melhor tratamento noutras oportunidades.

À semelhança das diversas classificações deste tipo, existentes internacionalmente, tanto para países em geral (e.g. índice de desenvolvimento, índice de liberdade económica, índice de transparência e de corrupção) como para empresas ou outras áreas (e.g. “*doing business*”, “maiores e melhores empresas”), os resultados dependem principalmente de dois factores: a metodologia usada e a qualidade dos dados.

Ao elaborar-se a presente classificação de sites sobre pobreza, o objectivo não é contrapor e fomentar a concorrência entre as entidades produtoras e difusoras de informação sobre pobreza. Eventualmente, uma competição saudável e construtiva poderá gerar resultados positivos. Porém, a competição que a classificação dos sites poderá suscitar, poderá ser de meio mas de modo algum é o fim e a motivação principal deste exercício.

Mais importante do que competir é o facto de se constatar que, apesar da problemática da “pobreza” ser bastante referida, tanto a nível internacional como em Moçambique, paradoxalmente ela não suficientemente debatida e avaliada. Em parte, o fraco debate pode resultar da fraca divulgação da imensa informação disponível. Todavia, existem duas outras razões possíveis. Uma razão tem a ver com distinção entre conhecimento e entendimento, referido na Caixa 1. A outra razão pode não estar relacionada com a investigação em si (o que se produzir e como se divulga), mas com a falta de uma massa crítica intelectual social suficientemente capaz de provocar o debate, exigir responsabilidade das entidades e dos actores que se dizem empenhados no combate à pobreza e melhoria do bem-estar da população.

Assim, mais importante do criar condições para uma maior divulgação e acções assertivas, com vista a partilhar o material electrónico sobre pobreza, este tipo de exercício deverá contribuir para a melhoria do próprio processo de produção, distribuição e avaliação da informação, indicadores, dados e análises sobre pobreza. A partir das críticas e sugestões que, entretanto, o presente artigo receber, em futuras oportunidades procurar-se-á superar as lacunas que forem identificadas.

2. CONCEPTUALIZAÇÃO E MAPEAMENTO DA POBREZA (CMP)

2.1. Antecedentes deste trabalho: clarificar e classificar ideias

Ainda que exista um amplo consenso sobre a necessidade de se reduzir a pobreza absoluta, no mundo e em particular países como Moçambique, o entendimento sobre como fazê-lo já não é assim tão amplamente consensual. Um dos autores deste texto (Francisco, 2005), ao contribuir para a avaliação do Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta (PARPA) 1999-2004, em Moçambique, adiantou algumas considerações sobre a investigação da 'pobreza' que parece útil serem revisitadas, no início deste trabalho.

'Pobreza', mais do que uma simples palavra, é um conceito; como tal, tem as características inerentes a qualquer conceito: é amplo, nublado e suficientemente vago para cobrir muitas possibilidades. Porém, certas pessoas ficam impacientes com conceitos. Aham que discutir conceitos é algo académico e abstracto, preferindo por isso acções concretas e mão-de-obra (de Bono, 1999: 285).

Só que tal posição, em análises visando definir estratégias, neste caso estratégias de combate à pobreza em Moçambique, ignora que os conceitos servem para identificar alternativas concretas para a acção. Se os conceitos são usados de forma muito restrita e inadequada, corre-se o risco de apenas discutir detalhes. E ao passar de detalhe em detalhe, em vez de simplificar a análise, acaba-se por complicá-la, ou perder o sentido de direcção a seguir.

A clarificação do conceito da pobreza é importante por duas razões adicionais à anterior. Primeiro, um mesmo conceito pode dar origem a diversas perspectivas analíticas e, conseqüentemente, diferentes definições operacionais e diferentes abordagens. Segundo, por vezes procura-se alcançar objectivos realmente diferentes uns dos outros, ou então encontra-se solução para uma parte dos problemas apenas, enquanto outra ou outras partes são ignoradas. Dito de maneira diferente, por vezes, os decisores políticos e planificadores confrontam-se com argumentos divergentes, ou com diferentes propostas e sugestões concretas, para o mesmo tipo de questões ou problemas; outras vezes, porém, eles confrontam-se com argumentos divergentes porque as próprias questões levantadas e discutidas estão relacionadas com problemas realmente diferentes uns dos outros (Wuyts, 2004: 2-5).

As ideias dominantes na sociedade, ou antes das ideias, os próprios conceitos mais influentes na definição duma estratégia ou um plano de acção, determinam a natureza e a amplitude das escolhas políticas específicas. Se as linhas (direcções) da argumentação que as análises abrem (ou fecham), e os resultados que se consegue extrair, ao seguir certas direcções, não são devidamente esclarecidos, o

produto final (estratégia e planos de acção) dificilmente poderá ser satisfatório para os principais intervenientes.

Tal esclarecimento pode ser conseguido através duma caracterização sistemática e criteriosa dos conceitos usados e das abordagens mais relevantes, incluindo os pressupostos subjacentes aos elementos estruturantes das ideias veiculadas.

Se é verdade que uma reflexão centrada num único conceito poderá conduzir a debates infrutíferos, também a alternativa de nem tão pouco se questionar quanto ao significado de 'pobreza', e termos a ela associados ('pobreza absoluta', 'indigência', 'profundidade da pobreza', pobreza relativa ou sectorial, entre outros), está longe de ser uma boa alternativa.

É preciso contrariar a crescente complacência para com uma certa ignorância complexada, em que as pessoas preferem usar termos que desconhecem, simplesmente porque soam bem ou porque são usados pelos seus dirigentes políticos.

Na linguagem comum, os conceitos funcionam mais ou menos como os átomos e elos fundamentais para a transmissão da visão e conteúdo das abordagens. Se um conceito é usado de forma muito restrita e inadequada, como se não fizesse parte de um corpo estrutural mais amplo, corre-se o risco de se reduzir a análise a detalhes mais ou menos anedóticos. Ao passar de detalhe em detalhe, em vez de simplificar a análise, acaba-se por complicá-la ou esvaziá-la de relevância e conteúdo.

A clarificação do conceito da pobreza é importante por duas outras razões. Primeiro, um mesmo conceito pode dar origem a perspectivas analíticas diversas e, conseqüentemente, definições operacionais e abordagens também diferentes. Segundo, por vezes procura-se alcançar objectivos realmente diferentes uns dos outros, ou então encontrar solução para parte dos problemas apenas, enquanto outra ou outras partes são ignoradas.

Dito de maneira diferente, por vezes, os decisores políticos e planificadores confrontam-se com argumentos divergentes, ou diferentes propostas e sugestões concretas, para o mesmo tipo de questões ou problemas; outras vezes, porém, confrontam-se com argumentos divergentes porque as próprias questões levantadas e discutidas estão relacionadas com problemas realmente diferentes uns dos outros (Wuyts, 2004: 2-5).

O objectivo, neste caso, não é apenas explicitar as diferentes abordagens sobre pobreza, analisando sobretudo prestando atenção à operacionalização dos conceitos em quadro conceptuais, teorias e abordagens analíticas. Mais adiante, esta questão será aprofundada, ao mostrar-se que as análises

podem ser feitas de diferentes prismas: como situação ou processo; com uma expectativa ou outra, muitas vezes deixada implícita, consciente ou subconscientemente. O importante deste exercício analítico é, em termos operacionais, pode contribuir para uma melhor avaliação e monitoria do conteúdo de políticas específicas.

A monitoria e avaliação de políticas, planos, estratégias, programas e projectos específicos não pode ser reduzido a um exercício técnico, ou de avaliação contabilista e financeira, da gestão de fundos. Para uma boa avaliação da eficácia (o que é diferente da eficiência) das acções sobre pobreza é preciso confrontar o próprio conteúdo, as percepções e análises sobre pobreza; analisar se são adequados, devidamente articulados e adaptados, à realidade de referência.

Para facilitar a caracterização e classificação conceptual e analítica da pobreza, a quando da avaliação do PARPA 2001-2004, Francisco (2005) recorreu a uma abordagem conceptual esboçada por Marc Wuyts (2004: 3).⁹

Para Wuyts (2004: 2) classificar ideias (*sorting out ideas*) envolve o agrupamento e classificação de ideias em relação umas às outras, tendo em conta um ou mais critérios chave que ajudam a tipificar as suas características específicas e abordagens principais.

A versão inicial de Wuyts enquadra as abordagens sobre pobreza em dois eixos analíticos: 1) Pobreza como (estado) de situação e pobreza como processo; 2) Pobreza como falta de recursos e pobreza como produto da desigualdade social. Wuyts esquematizou os eixos numa matriz 2X2, da seguinte forma:

Pobreza como	
– 1(a) Estado de situação	e (b) processo (empobrecimento)

– 2(a) Falta de recursos	e (b) Produto da conflituosidade (desigualdade social)

2.2. Abordagens Relevantes sobre Pobreza numa Perspectiva Interactiva

Toda a teoria deve ser feita, como escreveu Fernando Pessoa, para poder ser posta em prática, e toda a prática deve obedecer a uma teoria. No caso das abordagens sobre pobreza, existe uma vasta literatura,

⁹ O método de análise de Wuyts e seus colaboradores é suficientemente simples e abrangente para o tipo de reflexão metodológica aplicável a políticas de acção como o PARPA. Quem quiser conhecer melhor a abordagem de Wuyts consulte o “Module 1: Conceptualising Poverty” editado por Bridget O’Laughlin & Marc Wuyts (2004), no âmbito do curso designado *Tanzania Diploma in Poverty Analysis*.

geralmente de natureza narrativa, não científica e académica, mas que reflecte e veicula ideias, percepções, atitudes, comportamentos e práticas dominantes e com impacto positivo ou negativo nas dinâmicas de pobreza e bem-estar da sociedade. A literatura política, religiosa e cultural, bem como literatura jornalística, opinativa e mesmo de ficção, veiculam ideias, aspirações, percepções, projectos e planos de acção relevantes para a compreensão da pobreza e suas dinâmicas, tendências e perspectivas.

Na sequência do trabalho de Francisco (2005), que recorre à matriz de Wuyts (2004: 3) para estruturar a conceptualização e mapeamento da pobreza, no âmbito deste projecto tem-se procurado aprofundar a referida matriz analítica e metodológica.

Em Maio de 2008, Francisco e Amarcy (2008) avançaram com uma reformulação e expansão da matriz conceptual inicial de Wuyts. A matriz 2X2 inicial, com apenas dois eixos analíticos, revelou-se demasiado restritiva e focalizada em conteúdos académicos, sem dúvida importantes, mas que não captam a diversidade de percepções, ideias, visões e expectativas das pessoas sobre a pobreza e como lidar com ela. Uma outra limitação, como se refere na secção seguinte, tem a ver com o que aqui se designa por produto agónico; na formulação de Wuyts, o produto agónico é circunscrito à designação “produto da desigualdade social”, deixando fora aspectos importantes sobre conflituosidades e antagonismos específicos.

Posteriormente, Francisco e Ali (2008) detalharam a metodologia, especificando os critérios de avaliação e classificação, tendo sumariado e partilhado publicamente, alguns pontos, no primeiro Ideias do IESE (Francisco e Ali, 2008).

2.3. Matriz de Conceptualização e Mapeamento da Pobreza (MCMP)

À matriz 2X2 inicial, duas alterações pertinentes foram introduzidas no quadro das relações de enquadramento analítico de Wuyts. A primeira modificação na matriz inicial de Wuyts tem a ver com a inclusão de uma relação analítica, deixada de fora na matriz 2X2, ou considerada de forma inadequada. Adicionou-se um terceiro eixo, destinado a captar uma dimensão negligenciada na matriz 2x2, circunscrita às relações teóricas e técnicas identificáveis na literatura científica e académica sobre pobreza.

Assim, em vez de duas interacções, a matriz representada na Tabela 1 compreende três grupos de interacções; ou seja, um trinómio de interacções fundamentais, numa perspectiva tridimensional, segundo a matriz 3X3.

Para que a matriz CMP se torne mais abrangente e operativa, em termos teóricos e práticos, optou-se por incluir um novo eixo analítico. Assim, a matriz 2X2 foi ampliada para uma matriz 3X3, passando a incluir um eixo analítico relativo à pobreza como produto das expectativas de vida e pobreza como produto das atitudes (comportamento e práticas) das pessoas.

Tabela 1: Três Interacções nas Abordagens sobre Pobreza

1(a) Pobreza como estado de situação	e	(b) Pobreza como processo (empobrecimento)
2(a) Pobreza como falta de recursos	e	(b) Pobreza como produto agónico (ambiente conflitual, antagónico, desigual, discriminatório ou competitivo)
3(a) Pobreza com expectativa na vida	e	(b) Pobreza como atitude na vida

Fonte: Francisco, 2005; Wuyts, 2004: 3

Estas três interacções, apresentadas na Tabela 2, conduzem a uma matriz de 3 X 3 que compreende nove células. Cada célula sintetiza uma área ou zona analítica, permitindo responder a questões como as seguintes: O que podemos incluir em cada célula? Que exemplos de conceitos, abordagens e concepções?

Este tipo de questões podem ser respondidas considerando que cada célula, na Tabela 2, situa-se na intersecção de duas dimensões específicas, permitindo situar os conceitos, definições operacionais, ideias, abordagens, modelos e teorias sobre pobreza, veiculadas por toda a gama de literatura, qualitativa e quantitativa.

Para melhor se identificar e perceber o conteúdo de cada célula, a secção seguinte detalha, de forma breve e sumária, o essencial das três interacções e aspectos a considerar em cada célula. Como mostra a Tabela 2, a matriz CMP compreende nove células, cada uma delas referindo-se a uma área ou zona analítica sobre a problemática da pobreza.

A segunda alteração no quadro analítico inicial, de Wuyts, procura ultrapassar o carácter contemplativo e pouco operativo, em termos da ligação entre as abordagens teóricas e práticas (a implementação de políticas, estratégias, programas de acção e iniciativas participativas).

Neste contexto, uma substituição importante, em termos de conteúdo, tem a ver com a dimensão que, na formulação inicial de Wuyts, se designa por “produto da desigualdade social”. Olhando criticamente para a literatura, verifica-se que a designação inicial é bastante restritiva, deixando de lado aspectos sobre conflituosidade e antagonismos específicos. Para além da desigualdade social, uma vasta literatura relaciona a pobreza com o que aqui se designa por ambiente agónico, envolvendo duas categorias

principais: o ambiente de conflito (armado, político, de luta de classes, religiosas, raciais ou tribais) e o ambiente competitivo (exclusão social, concorrência empresarial).

Tabela 2: Matriz de Conceptualização e Mapeamento da Pobreza (MCMP)			
TRINÓMIO DE INTERACÇÕES	Pobreza como Falta de recursos 2(a)	Pobreza como produto agónico (e.g. conflito ou concorrência) 2(b)	Pobreza como Atitude (na vida) 2(c)
Pobreza como estado de situação 1(a)	?	?	?
Pobreza como processo (de empobrecimento) 1(b)	?	?	?
Pobreza como expectativa (na vida) 1(c)	?	?	?
Fonte: Francisco, 2005; Wuyts, 2004: 3			

O que se pode incluir em cada célula? Que exemplos de conceitos, definições, abordagens e concepções de pobreza inserir numa ou em mais das nove células?

Estas e outras questões podem ser melhor consideradas na matriz CMP actual, de tipo 3X3. É uma formulação mais flexível e enquadradora do vasto leque de abordagens sobre pobreza prevalecente na literatura contemporânea. Ao considerar a pobreza, quer seja vista como estado de situação e/ou processo, como falta de recursos e/ou produto do ambiente agónico, ou ainda vista como expectativa e/ou como produto da atitude na vida, estes eixos proporcionam uma base satisfatória para análise e investigação do objecto de estudo. Imagens, conceitos, teorias e dados empíricos podem reflectir, de forma realística, as condições de vida das pessoas: falta de recursos, bens materiais ou recursos como dinheiro, condições de vida precárias, por vezes sub-humanas, escassez de meios para sustento diário, necessidade de ajuda, exclusão social, conflitos, crenças e expectativas que o sofrimento seja ente compensado para além da vida.

2.3.1. Pobreza como (Estado) Situação e como Processo

Se bem que existam diversas maneiras de definir as condições de vida da população, de uma maneira geral, a situação da pobreza é associada a questões como as seguintes: Quem são os pobres? Quantos são e onde vivem os pobres? Como medir e onde fixar a linha divisória da pobreza, entre pobre e não-pobre? Quais as características do pobre? Qual a prevalência e incidência da pobreza?

Este tipo de questões direcciona a análise para aspectos relacionados com medição, grandeza, incidência, características, estrutura e estado de situação, num determinado momento ou lugar. O importante a reter aqui é que todas estas questões, quando inseridas numa análise sistemática, estão

principalmente relacionadas com questões sobre 'quem?', 'quantos?', 'o quê?' e 'onde?' (são e/ou estão os pobres).

A experiência prática ensina que uma estratégia de combate à pobreza só tem sucesso se for além da simples caracterização e descrição das situações mais superficiais de pobreza, num determinado período. As causas e os mecanismos que estruturam as características e dimensões de pauperização, ou vice-versa, de enriquecimento, podem ser muitas e várias; muitas vezes, os factores determinantes da pobreza nem tão pouco coincidem com o que à primeira vista se acredita serem as raízes dos problemas enfrentados.

Pobreza como 'processo', dinâmico, causal e estrutural envolve aspectos muito diferentes dos considerados na análise estática do estado de situação. Questões como as seguintes devem ser também tomadas em consideração: os agregados familiares rurais são sustentados principalmente pela mulher ou pelo homem, ou por ambos e outros familiares? A fonte principal do rendimento familiar dos pobres é a actividade por conta própria ou actividade assalariada, ou ambas? Ou serão outras fontes, incluindo fontes ilícitas de delituosas, como contrabando, roubo e outros crimes contra a segurança e propriedade pessoal e privada. O cidadão que decide imigrar para um país vizinho, como forma de contrariar o empobrecimento do seu agregado familiar porque não consegue vender a produção em que investiu o seu dinheiro; o pequeno produtor confrontado com uma descida brusca e substancial dos preços internacionais dos seus produtos; os trabalhadores assalariados que perdem o emprego, porque ficam incapacitados de trabalhar, por exemplo devido a acidentes de trabalho.

Na análise da pobreza como processo a atenção vira-se para os mecanismos de funcionamento, os processos e as relações individuais ou sociais que resultam na ou da pauperização das pessoas. São questões sobre o que torna as pessoas mais ou menos pobres; ou melhor, questões sobre o aumenta ou reduz o empobrecimento, em relação ao contexto e condições que concorrem para que as pessoas fiquem mais ou menos pobres; o que origina e influencia a vulnerabilidade ou insegurança social das pessoas, entre muitas outras. Tais questões relacionam-se com inferências, correlações e causalidades, geralmente representadas por interrogações do tipo 'porquê?' e 'como?' (James, 2004; Kanbur and Squire, 1999; Kelley and Schmidt, 1999; MPF, 2001; MPF/UEM/IFPRI, 1998; Ravallion, 2002).

2.3.2. Pobreza como Falta de Recursos e como Produto Agónico

A segunda interacção, ilustrada nas Tabelas 1 e 2, relaciona a abordagem da pobreza como “falta de recursos”, no sentido de ‘insuficiência’ ou condição em que as pessoas carecem do mínimo necessário para desfrutarem de um padrão de vida decente na sociedade em que vivem.

Independentemente do leque e variações do que se possa considerar “falta de recursos”, o importante a reter aqui é o facto da pobreza ser vista como uma característica ou atributo do próprio pobre, definida essencialmente como escassez ou falta de recursos. O que define os pobres como um grupo social é a relação das pessoas com as coisas (recursos) e não relações entre as próprias pessoas. Os pobres são vistos como um grupo em si mesmo, caracterizado por insuficiência de bens e recursos e, por isso, distinto dos não-pobres, ou seja, as pessoas que possuem recursos e bens minimamente suficientes. Neste domínio, levam-se questões diversas, relativas ao papel das instituições, à coisificação das relações, ao isolamento do pobre do contexto social, feito um grupo em si mesmo, merecedor de compaixão e de esmola, mas não determinante para o próprio bem comum da sociedade.

Um dos corolários importantes desta abordagem é que em princípio se pode imaginar uma sociedade em que todas as pessoas, ou a grande maioria, sejam pobres. Basta que as pessoas se situem abaixo da linha de pobreza, definida em termos de consumo per capita (ou rendimento).

Defensores de outras abordagens, incluindo alguns representantes de organizações e certos parceiros internacionais do Governo Moçambicano, têm defendido a necessidade de se tomar em consideração aspectos relativos às desigualdades sociais, muito mal ou mesmo totalmente ignorados em programas governamentais como o chamado Plano de Acção de Redução da Pobreza Absoluta (PARPA) do Governo de Moçambique e seus parceiros internacionais.

Todavia, a questão da desigualdade social, no sentido de concentração assimétrica ou distribuição enviesada e não proporcional dos recursos, rendimentos, oportunidades e possibilidades carece de um enquadramento analítico adequado.

Afirmações interpretativas de carácter fortemente ideológico não ajudam a clarificar o assunto quando insistem em reduzir a análise, por exemplo, a uma questão de luta de classes. Isto não significa que os conflitos sociais, políticos e económicos não concorram para a distribuição desigual das oportunidades.

Para além da luta de classe, na perspectiva marxista ou de outras abordagens políticas de esquerda, outros factores devem ser considerados. Existem antagonismos, conflitos de interesses, choque de vontades, rivalidades intensas, concorrência, interesses incompatíveis e conflitualidades de vários tipos,

estas são realidades mais complexas do que a simples luta de classes, no sentido clássico marxista-leninista, ou outras abordagens. Por isso, no quadro analítico da actual MCMP, a dimensão relativa à desigualdade social surge inserida no que se designa por ambiente agónico; ou seja, um ambiente predominantemente conflitual ou competitivo (Abreu, 2002: 20; Fernandes e Abreu, 2004: 19).

2.3.3. Pobreza como Expectativa e como Atitude na Vida

Para além das duas interacções consideradas anteriormente existe uma dimensão importante e incontornável, para a compreensão da pobreza na vida prática.

O ser humano não é um ser inanimado ou irracional. Pelo contrário, as pessoas agem racionalmente, no sentido de que as pessoas escolhem sempre a situação que é melhor para elas próprias. As pessoas são racionais não porque escolhem sempre as opções certas, mas no sentido que reagem a compromissos e a incentivos: quando o custo de fazer algo se torna mais elevado, têm tendência a fazê-lo menos; quando se torna mais fácil, mais barato ou quando traz mais benefícios, têm tendência a fazer mais. Ao pensarem as suas escolhas, tomam em consideração as restrições globais com que se deparam; não só os custos e os benefícios de uma escolha específica, mas o orçamento geral (Diniz, 2006: 296; Harford, 2008: 23).

Tanto as situações como os processos sociais são influenciados pelas percepções ou expectativas, intenções das pessoas, acerca do meio, da vida e do futuro. O passado pode ser determinado como um facto, num ponto ou num período. Já o futuro só existe apenas como expectativa, dependente das decisões dos actores ou participantes. O ponto a realçar aqui, relevante para a forma como a pobreza é considerada, tem a ver com o conceito de reflexividade proposto por George Soros (1997, 2008), sobre a interacção entre os factos e as proposições e expectativas das pessoas.

O estado de situação e os processos dinâmicos são contingentes e interactivos, relacionando-se intimamente com as intenções, expectativas, atitudes e comportamentos das pessoas. Por isso, uma abordagem abrangente e ampla deve tomar em consideração o papel das percepções, interpretações, atitudes, práticas e comportamentos dos actores. Desta forma, procura-se corrigir tanto o dualismo expresso na separação artificial entre os factos e as proposições dos actores ou participantes, como um holismo amorfo que não toma em consideração a natureza reflexiva dos processos (Soros, 1997; 2008).

A terceira dimensão do trinómio da matriz CMP capta as expectativas (intenções) das pessoas relativamente à pobreza e bem-estar, por um lado, e as suas atitudes, práticas e comportamentos específicos, por outro. Procura-se assim tomar em consideração o vasto leque de relações reflexivas,

envolvendo percepções, expectativas, crenças, tabus, preconceitos mais ou menos radicais, atitudes, práticas e comportamentos.

Desta forma, garante-se que as abordagens relevantes, sobretudo as não científicas e académicas, sejam tomadas em consideração. Uma parte significativa das abordagens convencionais gira em torno de ideias sobre infortúnio, ordenação divina, conformismo para com a natureza, o acaso, discriminação e exclusão social, e o imprevisível. Existem também as abordagens sobre as injustiças perpetuadas por certos grupos de interesses em detrimento de outros grupos ou da sociedade em geral, seja na base da classe, da raça, da religião ou do género.

Num extremo, encontram-se os que interpretam e defendem abordagens pacifistas, religiosas ou meramente humanistas, mais ou menos resignadas e conformadas com o estado de situação. A pobreza é entendida como produto da ordem natural das coisas, praga ou maldição dos espíritos e destino imutável da ordem sobrenatural. No outro extremo, encontram-se interpretações e afirmações comportamentais, algumas profundamente radicais, extremistas e fundamentalistas; sejam elas de carácter religioso ou ideológico, estas últimas incitam à revolta e à acção activa ou mesmo agressiva, com vista a alterar o estado de situação, vingar, fazer justiça ou corrigir as condições de vida. Todas estas e outras interpretações e explicações relevantes sobre pobreza têm a ver com expectativas e atitudes das pessoas na e perante a vida (Landes, 1999; Narayan-Parker and Patel, 2000; Prahalad, 2006; Sachs, 2005; Sen, 1999).

2.3.4. Síntese do Trinómio na análise da pobreza

As três interacções relacionais podem ser inseridas num contexto analítico mais amplo, definido pelas abordagens tridimensionais mais influentes identificadas na literatura contemporânea. Recorrendo ao artigo de Laderchi et al. (2003), Wuyts aplicou o seu quadro de eixos analíticos no enquadramento das quatro abordagens teóricas da definição e medição da pobreza, nomeadamente: monetarista, das capacidades, da exclusão social, e abordagens participativas.

A partir da matriz CMP, acima descrita, apresenta-se as quatro abordagens, identificadas por Laderchi et al. (2003), numa análise comparativa que incluirá seis em vez de quatro abordagens. As implicações práticas, sobretudo políticas, sociais e morais, das seis abordagens divergem, tanto em função das perspectivas como das expectativas dos actores, como ainda das condições da sua implementação e revelação. Isto é consistente com a ideia principal de Laderchi et al. (2003), que as palavras, conceitos e

definição operacional de pobreza são importantes para a definição de estratégias visando a redução e erradicação da pobreza.

Tendo em conta a matriz CMP pode-se proceder à revisão tanto da literatura em geral como, no caso deste trabalho, de websites. Em conformidade com o quadro analítico da Tabela 1 e da matriz CMP da Tabela 2, a primeira interacção relaciona pobreza como estado de situação e pobreza como processo dinâmico. A Tabela 3 apresenta uma primeira hipótese de colocação de abordagens teóricas sobre pobreza, segundo as características relacionais dos eixos de interacções.

Figura 3: Matriz de Conceptualização e Mapeamento da Pobreza (MCMP): Colocação das Múltiplas Abordagens na Matriz			
TRINÓMIO DE INTERACÇÕES	Pobreza como Falta de recursos 2(a)	Pobreza como produto agónico (e.g. conflito ou concorrência) 2(b)	Pobreza como Atitude (na vida) 2(c)
Pobreza como estado de situação 1(a)	Monetarista (Ravallion, 2002)	Indicadores de desigualdade (das capacidades, Sen 2005)	Consumismo
Pobreza como processo (de empobrecimento) 1(b)	Participativa	Teoria de Marx, Estratégia segundo Abreu	Corfomismo e/ou Inconfomismo
Pobreza como expectativa (na vida) 1(c)	Ambientalismo	Marxismo, Exclusão social, Fundamentalismo	Humanitária (Religiosa, Pacifista)

Fonte: Francisco, 2005; Wuyts, 2004: 3

3. As Categorias da Matriz 3X3

3.1. Descrição das Características Distintivas das Abordagens

A matriz MCMP, descrita na secção anterior, será aplicada na revisão e análise da literatura e dos websites sobre pobreza com enfoque para três aspectos: conteúdo, método e forma. Como mostra a Tabela 4, os três binómios da Matriz CMP compreendem nove (9) células, cada uma correspondente a uma certa área ou zona analítica.

Tabela 4: Tabulação dos Três Binómios Principais da MCMP			
TRINÓMIO DE INTERACÇÕES	Pobreza como Falta de recursos	Pobreza como produto agónico	Pobreza como Atitude (na vida)
Pobreza como estado de situação	C1	C2	C3
Pobreza como processo (de empobrecimento)	C4	C5	C6
Pobreza como expectativa (na vida)	C7	C8	C9

Fonte: Francisco, 2005; Wuyts, 2004: 3

Seguidamente especificam-se, a título ilustrativo mas resumidamente, descrevem-se os conceitos e indicadores relevantes em cada célula.

C1 – Pobreza com (estado de) situação e como falta de recursos: Incluiu conceitos de incidência, prevalência e profundidade da pobreza; múltiplos índices de situação (de pobreza absoluta e, relativa, pobreza humana, linha da pobreza) perfil da pobreza, paridade do poder de compra, cabaz de consumo, entre outros.

C2 – Pobreza como (estado de) situação e como produto agónico: ambiente conflitual ou competitivo, envolvendo antagonismo, desigual, discriminatório, competitividade, incluindo fenómenos como: guerras, lutas de poder, disputas por recursos, como reformas agrárias, conflitos políticos causados pela luta pelo poder, ditaduras destrutivas, entre outros. Inclui indicadores de medida como índices de concentração (de Gini, ponto de igual partilha ou coeficiente F, coeficiente de especialização ou índice de dissimilaridade, índice de Schutz), curva de Lorenz, entre outros.

C3 – Pobreza como (estado de) situação e como atitude na vida: Diz respeito aos comportamentos, atitudes e práticas perante a pobreza; por exemplo, acções das associações de caridade, culto à pobreza, a defesa do “privilégio da pobreza”, entre outras.

C4 – Pobreza como processo (dinâmico) e como falta de recursos: Esta relação analisa a tendência, evolução, correlação e dinâmica da pobreza. Analisa por exemplo: os determinantes da pobreza, a insegurança alimentar, a vulnerabilidade, as estratégias de sobrevivência, o desenvolvimento humano, etc.

C5 – Pobreza como processo (dinâmico) e como produto agónico: Ambiente agónico tem duas dimensões principais: uma conflitual e outra competitiva. Neste eixo incluem-se dinâmicas de empobrecimento ou de enriquecimento resultantes de conflituosidades, choque de vontades e concorrência. Incluem-se situações extremas, causadas por guerras ou lutas pelo poder fortemente destabilizadoras da economia e sociedade em geral. Inclui também estratégias efectivas de redução e erradicação da pobreza, processos transformadores de crescimento económico com impacto efectivo na redução da pobreza.

C6 – Pobreza como processo e como atitude na vida: Inclui dinâmicas de comportamentos e atitudes perante a pobreza, sobretudo dinâmicas pacifistas, humanitárias ou religiosas, com carácter mais ou menos conformista ou até de elogio à pobreza, como forma de preparação para a salvação depois da morte. Algumas das questões associadas: Como sair da pobreza, sem optar pela luta e confrontação? Emigrar é uma opção. Inovar e mudar de produtos agrícolas por causa dos preços, é outra opção. Diversificar ou focalizar a produção?

C7 – Pobreza com expectativas e como falta de recursos: Esta relação contempla percepções, projecções, previsões e metas na vida com impacto na pobreza e bem-estar das pessoas. Toma em consideração expectativas futuras das pessoas com relação à escassez de “recursos”. Fazem parte desta relação as abordagens ambientalistas e ecológicas, que relacionam o indivíduo com o meio ambiente.

C8 – Pobreza como expectativas e como produto agónico: Enquadram-se nesta célula abordagens diversas, desde as teorias políticas marxista-leninista, maoismo, feminismo radical e várias formas de esquerdismo; até às ideologias extremistas e fundamentalistas, religioso ou ateuista, populismo radical, entre outras. O ponto fundamental aqui é que o ambiente agónico se relaciona com uma opção preconcebida, ou profissão de fé, seja ela religiosa ou não, em vez da consideração realista dos processos e dinâmicas socioeconómicas

C9 – Pobreza como expectativas e como atitude na vida: Relaciona as percepções, finalidades e expectativas com interesses próprios, opções e acções e atitudes específicas na vida. Armando Guebuza (2004),¹⁰ na sua campanha eleitoral para Presidente de Moçambique, em 2004, falava explicitamente do que designou a “mentalidade miserabilista”. Existe uma vasta literatura que evidencia valores culturais, morais, políticos e religiosos, com carácter pacifista e humanista.

3.2. Operacionalização da Matriz MCMP

A metodologia para a classificação dos 150 websites sobre pobreza toma em consideração três componentes principais:

- i) **Conteúdo** – relativo ao conteúdo descrito na secção anterior (3.1);
- ii) **Método**, toma em conta o tipo de site (convencional, blog ou wiki) e a acessibilidade aos mesmos (ver Tabela 5 e Caixa 2, abaixo ilustradas); e
- iii) **Forma**, observa o tráfego dos visitantes aos sites (ver Tabela 5).

Quanto aos aspectos de método e forma, utilizou-se os seguintes critérios, sumarizados na Tabela 5:

- 1) Acessibilidade aos dados: Fraca, razoável ou boa;

¹⁰ Armando Guebuza, 'Podemos, Merecemos e Somos Capazes de Ser Ricos', in *Domingo* de 28 de Novembro 2004, pp. 20-21.

- 2) Ferramentas online usadas: Site de 1ª geração, em que o utilizador é mero consumidor; ou site de 2ª geração que fomentam prosuming (wikis e blogs);
- 3) Estrutura e formato: avaliação do tráfego dos visitantes aos sites.

Tabela 5: Tabulação do Trinómios da matriz “Método e Forma”						
	Tipo de Site		Acessibilidade		Forma	
Websites sobre Pobreza	1ª geração (Convencional)	C10, C11 e C12	Fraca	C13	Informação do Tráfego	C14 e C15
			Razoável			
	2ª geração (Blogs e Wikis)		Forte		Mapa do Tráfego	

Caixa 2: As Gerações dos Websites

Um site ou sítio é um conjunto de [páginas Web](#), isto é, de [hipertextos](#) acessíveis geralmente pelo protocolo [HTTP](#) na [Internet](#). O conjunto de todos os sites públicos existentes compõe a [World Wide Web](#). Alguns sites, ou partes de sites, exigem uma subscrição, com o pagamento de uma taxa, por exemplo, mensal, ou então apenas um registo gratuito. Os exemplos incluem sites de notícias, revistas especializadas, fornecedores de dados do mercado financeiro em tempo real, Enciclopédia Britânica, e outros. A palavra *site* em inglês tem exactamente o mesmo significado de *sítio* em português; ambas derivam do latim *situs* ("lugar demarcado, local, posição"). Ao longo da década passada o universo de sites tem sofrido mutações e evoluções significativas. A primeira geração de sítios caracterizou-se por fornecer informação a utilizadores considerados consumidores passivos. A maior parte dos sites, entre os 150 listados neste trabalho, são dessa primeira geração. Todavia, a lista incluiu também sites de uma nova geração. Nomeadamente os Blogs e os Wikis. Blog é uma abreviação de *weblog*. Qualquer registro frequente de informações pode ser considerado um blog (últimas notícias de um jornal online por exemplo), ou debate sobre um determinado tema, diários pessoais, ou para outros fins. Uma das vantagens das ferramentas de blog, comparativamente aos sites de primeira geração, é permitir que os usuários publiquem seu conteúdo sem conhecimento técnico especializado sobre como se criam as páginas na internet.

Os wikis são ainda mais poderosos, permitindo criar plataformas colectivas, autênticos locais ou oficinas de trabalho online. Os termos *wiki* (pronunciado /uíqui/ ou /víqui/) e *WikiWiki* são utilizados para identificar um tipo específico de colecção de documentos em hipertexto o software colaborativo para criá-lo. O termo "Wiki wiki" significa "super-rápido" no idioma havaiano, enquanto em maior signfica "fim-de-semana". Chamado "wiki" por consenso, este software colaborativo permite a edição colectiva de documentos, usando um sistema que não necessita que o conteúdo tenha que ser revisto antes da sua publicação. O uso da Internet para simplesmente permitir às pessoas aceder a informação e percorrer as suas páginas certamente continuará a desempenhar a sua função. Mas como escrevem Tapscott e Williams (2006: 47), "O sítio da Rede imutável e solitário morreu." As Rede da nova geração têm estado a dar origem a comunidades interactivas, dinâmicas e movimentadas; praças públicas, onde os inovadores produzem em colaboração com os utilizadores. Na nova geração a rede de sítio permite que os consumidores se convertam em prosumidores. O projecto CMP, ao desenvolver o seu próprio Wiki, pretende integrar-se na geração Net, criando uma rede social de prosumidores, através da conjugação da tecnologia disponível, da demografia de colaboradores online e da economia de produção científica dos pares.

Fonte:

Barbosa, Elisabete e António Granado. 2004. *Weblogs: Diário de Bordo*. Porto: Porto Editora.

Tapscott, Don e Anthony D. Williams. 2007. *Wikinomics: a Nova Economia das Multidões Inteligentes*. Lisboa: QUIDNOVI.

Wikipedia. 2008. Definição de Website, Blog e Wiki, <http://en.wikipedia.org/wiki/Wiki>.

As componentes desta classificação apresentam a seguinte pontuação: (a) o *conteúdo* tem uma pontuação total de 9 pontos, (b) o *método* tem uma pontuação total de 9 pontos e (c) a *forma* tem uma pontuação total de 2 pontos (Veja a tabela abaixo ilustrada).

Tabela 6: Pontuação dos critérios de classificação dos sites sobre pobreza			
	Células	Descrição - Pobreza como	Pontuação
CONTEÚDO	C0=Neutra	Nenhuma das características da MCMP	1
	C1=Existência	Estado de situação e falta de recursos	1
	C2=Existência	Estado de situação e produto de conflituosidade e concorrência	1
	C3=Existência	Estado de situação e atitude	1
	C4=Existência	Processo (empobrecimento/enriquecimento) e falta de recursos	1
	C5=Existência	Processo (empobrecimento/enriquecimento) e prod. de conflit. e conc.	1
	C6=Existência	Processo (empobrecimento/enriquecimento) e atitude	1
	C7=Existência	Expectativas e falta de recursos	1
	C8=Existência	Expectativas e produto de conflituosidade e concorrência	1
	C9=Existência	Expectativas e atitude	1
MÉTODO	C10=Site convencional	Tipo de site	1
	C11=Blog		2
	C12=Wiki		3
	C13 (1-fraco; 2-Normal; 3-Forte)	Acessibilidade (disponibilidade dos dados)	3
FORMA	C14=Informação sobre tráfego	Tráfego	1
	C15=Mapa do tráfego		1
Pontuação Total			20

A pontuação total máxima (que define o melhor site sobre pobreza, considerando que este possui totalmente os critérios adoptados) é de 20 pontos e a mínima é de 2 (assumindo que o pior site não se enquadra em nenhum dos componentes da matriz CMP ou seja, assume-se que seja apenas um website convencional, não oferece acesso algum aos seus produtos e não faculta o tráfego dos visitantes).

Para facilitar a compreensão dos resultados da classificação e respectiva pontuação, os pontos variam numa escala de zero a vinte valores; correspondente à escala convencional usada no sistema de avaliação académica, de um a vinte valores. Assim, a pontuação corresponde em termos qualitativos aos seguintes valores: MAU (0 - 4) MEDÍOCRE (5 - 9), SUFICIENTE (10 - 13), BOM (14 -16) e MUITO BOM (17-20) valores.

Os critérios de análise reflectem-se no ranking dos cinco (5) melhores websites para estudar e investigar a pobreza. Estes critérios foram ponderados um a um e daqui foi alcançado o ranking de cada website, que resulta da soma da ponderação dos indicadores parciais.

3.3. Classificação dos 150 Websites Relevantes para o Estudo da Pobreza

Entre Novembro de 2008 e Janeiro 2009 foi feito um levantamento de aproximadamente 200 Websites, susceptíveis de serem úteis do ponto de vista de transmissão de uma certa percepção ou perspectiva sobre pobreza.

Após uma primeira triagem, no sentido de certificar que possuíam o mínimo de conteúdo associado ao tema em estudo, foram seleccionados 150 sites, aos quais se aplicou a matriz de CMP. O Anexo 1 apresenta a lista dos 150 Websites, segundo a classificação final resultante da aplicação dos critérios apresentados na Tabela 6.

4. Considerações Gerais: Quais os Melhores e Piores sites sobre Pobreza?

4.1. Resultados da Classificação dos 150 Websites

Da análise e avaliação efectuada, segundo a metodologia elaborada e descrita acima, foi possível ordenar os sites incluídos na avaliação, por ordem crescente; ou seja do site com maior ao site com menor pontuação. Da classificação dos 150 websites sobre pobreza (Anexo 1) é possível extrair as seguintes constatações e resultados:

- A maioria dos sites (117 websites ou seja, 78% dos 150 websites contemplados) obteve uma classificação de *mediocre* (5-9 valores) Os restantes sites, 28 sites, ou seja, 19% receberam a classificação de *mau* (0-4 valores), enquanto 5 websites (3%) obtiveram a classificação de *suficiente* (10-13 valores). Isto significa que nenhum, dos 150 websites, obteve a classificação de *bom*, muito menos, de *muito bom*.
- O site com melhor pontuação (suficiente, 12 valores) é o do World Bank. A classificação de 12 valores resulta de uma conjugação satisfatória dos componentes: conteúdo e método. O World Bank é o site que apresenta a maior pontuação no conteúdo (6 pontos, de um total de 9 pontos), no conteúdo, preenchendo cerca de 67% da matriz 3X3 (MCMP).
- Ainda quanto ao conteúdo dos sites, seguem-se o CGD (Center for Global Development), Eldis Community, Taking it Global e IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), CIESIN (Center

for International Earth Science Information Network), DFID (Department for International Development) todos com uma pontuação de 5 valores (de um total de 9 pontos); ou seja, preenchem cerca de 56% da matriz 3X3.

- Entre o segundo e quarto lugares, a classificação satisfatória contou menos com o conteúdo do que com o método (acessibilidade e tipo de site). Mas o quinto melhor website (IBGE), apresentou melhor pontuação no conteúdo (5 valores) do que no método (4 valores).
- Considerando um ordenamento de acordo com o método, o melhor site (com 8 valores) é o United Nations Data (UNData), seguindo-se: Development Gateway Foundation, Appropedia, End Canadian Poverty, Gemzies, Wikipedia e Wikiquote. O UNData tem a pontuação de 8 pontos e os restantes de 7 pontos. Estes sites correspondem a cerca de 5,3% de um total de 150 websites considerados na análise. Dentro dos critérios contemplados pela metodologia, a pesquisa privilegia sites interactivos e abertos à participação activa dos membros. Todos eles obtiveram a pontuação de 7 valores, de um total de 9 valores. Para que estes e os remanescentes 94,7% dos 150 websites obtivessem a pontuação máxima seria preciso que os sites tivessem a forma de um wiki activo e fortemente acessível, permitindo a participação activa dos visitantes, em vez de ser totalmente centralizado pelo autor principal, ou simplesmente aceitar comentários passivos).
- Considerando um ordenamento segundo a forma, os sites com melhor classificação são três blogs, nomeadamente: “Diário de um sociólogo”, “Macua blog” e “Ideias Críticas” e dois sites convencionais, nomeadamente: International Co-operative Alliance e Portal do Governo de Moçambique.
- Entre os sites considerados como *mediocres* (que são a maioria dos 150 websites) encontram-se 11 sites como 9 valores (próximo de satisfatório): e Centre for International Earth Science Information Network (CIESIN), Department for International Development (DFID), Development Gateway Foundation, Diário de um sociólogo, Macua blog, National Council of Welfare (NCW), Overseas Development Institute (ODI), Social Science Research Network (SSRN), Southern African Regional Poverty Network (SARPN) e United Nations Data (UNData).
- Ainda em relação ao ponto anterior, convém sublinhar a inclusão na lista dos sites com 9 valores dois blogs individuais (Diário de um sociólogo e Macua blog). Se bem que o valor destes dois blogs não atinge o nível satisfatório, não deixa de ser significativo que apesar de serem sites individuais se posicionam em igual classificação que sites de entidades internacionais e com muitos recursos, como por exemplo o DFID, o ODI e a UNData.
- Sites amplamente conhecidos, como o do IMF (International Monetary Found), do UNCTAD e da Cornell University, para citar apenas três, apresentam classificações entre 6 e 8 valores. Parte destes

sites, apesar de declararem-se cada vez mais preocupados com a problemática da pobreza, não parece dedicar suficientes recursos intelectuais e financeiros para que adquiram a qualidade, conteúdo e abertura suficientes para que se classifiquem de satisfatórios, de acordo com a metodologia aqui utilizada.

4.2. Os Cinco Melhores Websites e a Posição dos Sites Moçambicanos?

Em resumo, a partir da descrição anterior, os cinco melhores sites (com classificação satisfatória), entre os 150 websites contemplados na pesquisa, são os seguintes:

	World Bank (http://web.worldbank.org)
	Center for Global Development (www.cgdev.org)
	Eldis Community (www.eldis.org)
	Taking it Global (http://issues.tigweb.org/poverty)
	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (www.ibge.gov.br)

Dos sites nacionais, é interessante constar dois aspectos dignos de destaque. Primeiro, o blog de oficinasociologia.blogspot.com, de Carlos Serra surge classificado em 9º lugar, entre os 150 Websites relevantes para o debate sobre pobreza. Ou seja, de uma dúzia de 12 sites moçambicanos, o Blog de Carlos Serra aparece em primeiro lugar, seguido de dois outros blogs (Macua, em 10º lugar) e Ideias Crítica (de Elísio Macamo, em 25º lugar), todos individuais, apresentam-se com mais relevantes para o debate sobre pobreza que os sites de entidades colectivas.

O Site do MPD (Ministério da Planificação e Desenvolvimento) obteve 8 valores, ficando à frente dos demais sites colectivos. Segue-se o site do IESE, com apenas um ano de existência, posiciona-se em 43º lugar, à frente do IMF (47º lugar), do Portal do Governo (51º lugar), do Cruzeiro do Sul (68º lugar), do site do PAP (Programme Aid Partnership, em 96º lugar) e do INE (Instituto Nacional de Estatística, em 136º lugar). Este último, o site do INE, apresenta-se com a pior classificação entre os sites nacionais incluídos nesta classificação; a posição do site do INE está abaixo dos sites da KULA, WLSA e do CIP.

4.3. Considerações e Finais e Oportunidades para Novas Pesquisa

De que modo o produto apresentada por esta pesquisa, particularmente a classificação dos sites, poderá contribuir para uma melhor conceptualização da pobreza, com incidência nas plataformas de trabalho cada vez mais proporcionadas pela Web? No caso específico dos sites identificados como os melhores

sites para o estudo sobre pobreza, como é que tais sites contribuem para a formulação de programas de sucesso no combate à pobreza? Estarão mesmo a influenciar as estratégias e planos de acção específicos?

Estas e outras questões, derivam inevitavelmente dos resultados da pesquisa aqui apresentada, devendo ser objecto de novas pesquisa. A pesquisa não foi motivada por pela simples vontade de se divulgar o imenso e crescente manancial de informação que procura, por via electrónica, espelhar a dinâmica da pobreza no mundo, e em particular em Moçambique.

O recurso à Web como fonte de informação, intercâmbio e comunicação é já amplamente aceite e cada vez mais aceite com instrumento indispensável, acessível e com enormes potencialidades analíticas e metodológicas. Porém, o recurso à Web como plataforma de local de trabalho, e principalmente de produção em pares, é algo ainda pouco explorado; pelo menos no domínio da investigação, ou mesmo do ensino, ao nível das ciências sociais e económicas.

Lendo o Wikinomics e observando várias iniciativas concretas a nível internacional, não é difícil de concordar com Tapscott e Williams (2007: 282), quando afirmam que “O local de trabalho dos pares veio para ficar”. Como referem estes mesmos autores, o “Acordar para o local de trabalho wiki” parece apenas estar a começar. Isto é testemunhado pela presente pesquisa, pela ainda pouca presença de sites tipo blog e sobretudo wikis.

É previsível que a plataforma wiki venha a conquistar proeminência como locais de trabalho para a produção científica em pares. Porém, o mais realístico e prudente é reconhecer que tal processo de mudança, no caso específico do domínio aqui considerado, seja lento e relativamente longo, por duas razões.

De um lado, é improvável que a grande generalidade dos sites se converta em verdadeiras oficinas de trabalho, no sentido de sistematização e principalmente de produção em pares e auto-organizados produtivamente. Tal como acontece no domínio da vida prática quotidiana, ao lado de uma oficina ou de uma empresa produtiva existe diversas lojas de artigos, diversas montras ou meros expositores de artigos e fornecedores de serviços. Algo similar parece provável que aconteça no mundo da Web. Ou seja, continuarão certamente a existir sites de primeira geração, fornecedores passivos de informação, divulgadores ou meros expositores de artigos e produtos informativos.

Por outro lado, os métodos de pesquisa tradicionais, em que a Web exerce um contributo ainda marginal ou secundário, continuam a ser dominantes, tanto por dificuldades de acesso às infra-estruturas tecnológicas como por causa da inércia das práticas e métodos de pesquisa usados no passado.

Parafraseando Tapscott e Williams, a tecnologia pode abrir portas e janelas, mas não pode obrigar a passarem ou a espreitarem por elas.

Portanto, as mudanças em perspectiva terão que ser vistas como mudanças a longo prazo, pois pressupõem uma nova forma de trabalho, processo de auto-organização de local de trabalho de tipo novo, superação das velhas formas de hierarquização organizacional.

Com a metodologia elaborada e aplicada aos 150 websites contemplados procurou-se estabelecer um mecanismo e critérios sistemáticos categorização operacionais, manejável e imparcial. Poderão subsistir dúvidas quanto à aplicação dos conteúdos, dos métodos e formas, nomeadamente quando se trata de avaliar as abordagens e teorias no quadro da matriz aplicada na análise dos sites.

Em pesquisas futuras, outros subprodutos que aqui não foram explorados, deverão merecer consideração, aperfeiçoamento e aprofundamento. Além disso, será interessante também, colocar questões sobre o possível impacto dos sites nos utilizadores? Ou também, analisar as características demográficas das comunidades dos profissionais que se aproximam e recorrem às janelas da Internet, para espreitar para o mundo da Web que se encontra em rápida expansão.

De imediato, acredita-se que o IESE poderá extrair lições úteis, primeiro, para tomar consciência do estágio do seu trabalho, tendo em conta a posição em que aparece classificado. Segundo, poderá identificar áreas que necessitam de ser melhoradas. Terceiro, poderá ainda tentar consolidar este primeiro exercício no sentido de procurar tirar mais vantagem do potencial que novos ambientes no local de trabalho, novas economias de trabalho, novos intermediários no mercado de talentos (Tapscott e Williams (2007: 282-287).

No fundo, o IESE está aberto e empenhado em integrar nos sistemas modernos de colaboração de massas que, a nível internacional, já estão a transformar a forma como os produtos e os serviços são criados, não só na economia produtiva mas também no domínio académico e científico.

Este trabalho é, por isso, um primeiro passo e contributo para os próprios investigadores do IESE melhor entenderem, participar e fazerem uso dos princípios de abertura, do trabalho com os pares, da partilha e da acção global (Tapscott e Williams, 2007). A partir do presente exercício, fica evidente que muito as organizações que incorporem as imensas oportunidades analíticas e metodológicas que a Web fornece, serão compensadas com resultados muito mais eficazes do que os métodos de trabalho tradicionais, incluindo de pesquisa científica, até aqui permitiam.

5. Referências Bibliográficas

- Abreu, Francisco. 2002. *Fundamentos de Estratégia Militar e Empresarial*. Lisboa: Edições Sílabos.
- Alba, Sebastião. 1981. *A Noite Dividida*. Maputo: Instituto Nacional do Livro e do Disco.
- Barbosa, Elisabete e António Granado. 2004. *Weblogs: Diário de Bordo*. Porto: Porto Editora.
- Burchardt, T., J. Le Grand, et al. 1999. "Social Exclusion in Britain 19991-1995". *Social Policy and Administration* 33, 3: 227-244.
- Couto Mia. 2003. *O País do Queixa Andar*. Textos de opinião. Maputo: Ndjira.
- Couto Mia. 2005. *Pensamentos*. Textos de opinião. Maputo: Ndjira.
- De Bono, Edward (1999). *Simplicity*. London: Penguin Books.
- Diniz, Francisco. 2006. *Crescimento e Desenvolvimento Económico: Modelos e Agentes do Processo*. Lisboa: Edições Sílabo.
- Fernandes, António Horta e Francisco Abreu. 2004. *Pensar a Estratégia: do político-militar ao empresarial*. Lisboa: Edições Sílabos.
- Francisco, António and Konrad Matter. 2007. Poverty Observatory in Mozambique. Swiss Development Cooperation and World Bank, <http://www.gersterconsulting.ch/docs/Mozambique-Poverty-Report.pdf>
- Francisco, António e Rosimina Ali. 2008. Conceptualização e Mapeamento da Pobreza. *IDEIAS 1*, 01 de Setembro 2008 António Francisco e Rosimina Ali. Instituto de Estudos Sociais e Económicos (IESE), http://www.iese.ac.mz/?_target_=investigador&investigadorid=8.
- Francisco, António e Sofia Amarcy. 2008. "Conceptualização da Pobreza: Mapeamento dos conceitos, índices, modelos e abordagens", projecto em curso, ([http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/Projecto_Conceptualização da Pobreza.pdf](http://www.iese.ac.mz/lib/noticias/Projecto_Conceptualização_da_Pobreza.pdf)).
- Francisco, António. 2005. "Questões de Conteúdo". *Desenvolvimento da Metodologia para o PARPA II*. Direcção Nacional do Plano e orçamento. Maputo: Ministério de Planificação e Desenvolvimento. http://www.iese.ac.mz/lib/af/Preparacao_PARPA_II_Conteudo_AFrancisco_final2.pdf.
- Hamela, Hipólito. 2003. *Moçambique: Economia de Mercado ou Socialismo do Capital?*. Maputo. Ndjira.
- Harford, Tim. 2008. *A Lógica Oculta da Vida*. Lisboa: Editorial Presença.
- Jacquard, Albert. 1996. *Ensaio sobre a Pobreza: A Herança de Francisco de Assis*. Mira-Sintra: Publicações Europa-America.
- Jacquard, Albert. 1996. *Ensaio sobre a Pobreza: A Herança de Francisco de Assis*. Mira-Sintra: Publicações Europa-America.
- James, Robert. 2004. Has Growth in Mozambique Been Pró-Poor?. Maputo: DNPO-MPF.
- Kanbur, Ravi and Lyn Squire. 1999. "The Evolution of Thinking About Poverty: Exploring the interactions", http://people.cornell.edu/pages/sk145/papers/evolution_of_thinking_about_poverty.pdf.
- Kelley, Allen C. and Robert M. Schmidt. 1999. "Economic and Demographic Change: A Synthesis of Models, Findings, and Perspectives", <http://www.econ.duke.edu/pub/kelley/synthesis.pdf>.
- Laderchi, Caterina, Ruggeri, Ruhi Saith and Frances Stewart. 2003. "Does it matter that we don't agree on the definition of poverty? A comparison of four approaches", *Working Paper 107*. Queen Elizabeth House, University of Oxford, http://www.nuigalway.ie/dern/documents/does_it_matter_that_we_dont_agree_on_the_definition_of_poverty.pdf.

- Laderchi, Caterina, Ruggeri, Ruhi Saith and Frances Stewart. 2003. "Does it matter that we don't agree on the definition of poverty? A comparison of four approaches", *Working Paper 107*. Queen Elizabeth House, University of Oxford, http://www.nuigalway.ie/dern/documents/does_it_matter_that_we_dont_agree_on_the_definition_of_poverty.pdf.
- Laderchi, Caterina, Ruggeri, Ruhi Saith and Frances Stewart. 2003. "Does it matter that we don't agree on the definition of poverty? A comparison of four approaches", *Working Paper 107*. Queen Elizabeth House, University of Oxford, http://www.nuigalway.ie/dern/documents/does_it_matter_that_we_dont_agree_on_the_definition_of_poverty.pdf.
- Landes, Davis S. 1999. *The Wealth and Poverty of Nations: Why some are so rich and some so poor*. New York: W.W.Norton & Company.
- Macamo, Elísio. 2006. *Um País Cheio de Soluções*. Maputo?: Produções Lua.
- MPF (Ministério do Plano e Finanças). 2001. *Plano de Acção para a Redução da Pobreza Absoluta 2001-2005*. Maputo.
- MPF/UEM/IFPRI (Mozambique, Ministry of Planning and Finance/Eduardo MondlaneUniversity/ International Food Policy Research Institute). 1998. *Pobreza e Bem-estar em Moçambique: Primeira Avaliação Nacional (1996-97)*. Maputo.
- Narayan-Parker, D. and R. Patel. 2000. *Voices of the Poor: Can Anyone Hear Us?*. Oxford: Oxford University Press.
- Pessoa, Fernando. ?. Comércio e Contabilidade. Obra Pública, <http://multipessoa.net/labirinto/obra-publica/23>.
- Prahalad, C.K. 2006. *The Fortune at the Bottom of the Pyramid: eradicating poverty through profits*. Upper Saddle River: Wharton School Publishing.
- Ravallion, M. 2002. Poverty lines in theory and practice. *LSMS Working Paper 133*. Washington, The World Bank.
- Sachs, Jeffrey. 2005. *O Fim da Pobreza: como consegui-lo na nossa geração*. Cruz Quebrada: Casadasletras.
- Sen, Amartya. 1999. *Development as Freedom*. Oxford: Oxford University Press.
- Soros, George. 1997. *A Crise do Capitalismo Global: A Sociedade Aberta Ameaçada*. Lisboa: Temas e Debates.
- Soros, George. 2008. *O Novo Paradigma para os Mercados Financeiros: A crise de crédito de 2008 e as suas implicações*. Coimbra: Almedina.
- Tapscott, Don e Anthony D. Williams. 2007. *Wikinomics: a Nova Economia das Multidões Inteligentes*. Lisboa: QUIDNOVI.
- Wikipedia. 2008. Definição de Website, Blog e Wiki, <http://en.wikipedia.org/wiki/Wiki>.
- Wuyts, Marc. 2004. 'Unit1 Sorting Out Conceptions of Poverty', in Bridget O'Laughlin & Marc Wuyts (2004), *Module 1: Conceptualising Poverty. Study Guide. Tanzania Diploma in Poverty Analysis*. The Hague: ISS (Institute of Social Studies), pp. 1-27.

ANEXO 1: Classificação de 150 Websites Relevantes para o Estudo da Pobreza

(Recolha efectuada entre Dezembro 2008 e Janeiro 2009)

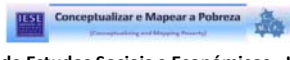
Ranking	TÍTULO	PONTUAÇÃO																			
		CONTÉUDO (CONT.)										MÉTODO (METD.)			FORMA		Totais parciais			TOTAL	
												Tipo de Site			Acesso	Tráfego		CONT.	METD.		FORMA
		C0	C1	C2	C3	C4	C5	C6	C7	C8	C9	C10	C11	C12	C13	C14	C15				
1	 World Bank (http://web.worldbank.org)	0	1	1	0	1	1	1	1	0	0	1	2	0	3	0	0	6	6	0	12
2	 Center for Global Development (www.cgdev.org)	0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	1	2	0	3	0	0	5	6	0	11
3	 Eldis Community (www.eldis.org)	0	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	2	0	3	0	0	5	6	0	11
4	 Taking it Global (http://issues.tigweb.org/poverty)	0	1	0	1	1	0	1	1	0	0	1	2	0	3	0	0	5	6	0	11
5	 Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (www.ibge.gov.br)	0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	1	0	5	4	1	10
6		0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	5	4	0	9

	 Center for International Earth Science Information Network (www.ciesin.org/index.html)																				
7	 Department for International Development (www.dfid.gov.uk/)	0	0	0	1	1	1	1	1	0	0	1	0	0	3	0	0	5	4	0	9
8	 Development Gateway Foundation (http://topics.developmentgateway.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	1	3	2	0	0	2	7	0	9
9	 Diário de um sociólogo. Carlos Serra (http://oficinadesociologia.blogspot.com)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	3	1	1	1	6	2	9
10	 Macua blog (http://macua.blogs.com)	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	2	0	2	1	1	2	5	2	9
11	 National Council of Welfare – NCW (www.ncwcnbes.net)	0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	5	4	0	9
12	 Overseas Development Institute (www.odi.org.uk)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	2	0	3	0	0	3	6	0	9
13	 Research Papers in Economics (http://repec.org/)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	2	0	3	0	0	3	6	0	9

14	 Social Science Research Network (www.ssrn.com)	0	1	1	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	5	4	0	9
15	 Southern African Regional Poverty Network (www.sarpn.org.za/index.php)	0	1	0	0	1	1	1	1	0	0	1	0	0	3	0	0	5	4	0	9
16	 United Nations Data (http://data.un.org)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	3	0	0	1	8	0	9
17	 Appropedia (www.appropedia.org)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	2	0	0	1	7	0	8
18	 Asian Development Bank (www.adb.org/)	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	4	4	0	8
19	 Center for International Development (www.cid.harvard.edu)	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	4	4	0	8
20	 Centre for Social Science Research (www.cssr.uct.ac.za)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	2	0	3	0	0	2	6	0	8
21	 Chronic Poverty Research Center (www.chronicpoverty.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	2	0	3	0	0	2	6	0	8

22	 OECD Development Co-operation Directorate (www.oecd.org)	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	4	4	0	8
23	 End Canadian Poverty (www.endcanadianpoverty.ca)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	1	3	2	0	0	1	7	0	8
24	 Gemzies (http://poverty.gemzies.com)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	2	0	0	1	7	0	8
25	Ideias Críticas. Elísio Macamo (http://ideiascriticas.blogspot.com)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	2	1	1	1	5	2	8
26	 International Labour Organisation (www.ilo.org)	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	4	4	0	8
27	 Ministério da Planificação e Desenvolvimento/DNP (www.dnpo.gov.mz)	0	1	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	4	4	0	8
28	 Poverty Institute (www.povertyinstitute.org/matriarch/)	0	0	0	1	1	1	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0	4	4	0	8
29	 United Nations Department of Economic and Social Affairs (www.un.org)	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	4	4	0	8
30	 Wapedia	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	2	0	0	1	7	0	8

	(http://wapedia.mobi/pt)																			
31	 Wikipedia (http://pt.wikipedia.org)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	2	0	0	1	7	0	8
32	 Wikiquote (http://en.wikiquote.org/wiki/Poverty)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	3	2	0	0	1	7	0	8
33	 Center on Urban Poverty and Community Development (http://povertycenter.cwru.edu)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	2	0	2	0	0	2	5	0	7
34	 Conserve Africa (www.conserveafrica.org.uk)	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
35	 Earth Institute at Columbia University (www.earthinstitute.columbia.edu)	0	0	0	1	1	1	0	1	0	1	0	0	2	0	0	4	3	0	7
36	 Food First (www.foodfirst.org)	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	2	0	2	0	0	2	5	0	7
37	 IFAD Rural Poverty Knowledgebase (www.ifad.org)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
38	 Institute for Economic	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	2	0	2	0	0	2	5	0	7

	Democracy (www.ied.info)																				
39	 Institute for Policy Research (www.northwestern.edu/ipr)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
40	 Institute for Research on Poverty (www.irp.wisc.edu)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
41	 Institute for Social & Economic Research (www.iser.essex.ac.uk)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
42	 Institute of Development Studies (www.ids.ac.uk)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
43	 Instituto de Estudos Sociais e Económicos - IESE (www.iese.ac.mz)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	3	0	0	2	5	0	7
44	 Instituto de Pesquisa Económica Aplicada (www.ipea.gov.br)	0	1	1	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
45	 International Co-operative Alliance (www.ica.coop)	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	2	1	1	2	3	2	7
46	 International Development Economics	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7

	Associates (www.networkideas.org)																					
47		International Monetary Fund (www.imf.org)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
48		National Center for Children in Poverty (www.nccp.org/)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
49		National Poverty Center (www.npc.umich.edu/)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
50		Oxford Poverty & Human Development Initiative (www.ophi.org.uk/)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
51		Portal do Governo (www.govnet.gov.mz)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	1	1	2	3	2	7
52		Poverty and Race Research Action Council (www.prrac.org/)	0	0	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
53		Poverty in America (www.povertyinamerica.psu.edu)	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
54		Rural Poverty Portal	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0	1	0	0	2	0	0	4	3	0	7

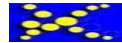
	(www.ruralpovertyportal.org)																				
55	 School of Oriental and African Studies (www.soas.ac.uk)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
56	Social Capital Gateway (www.socialcapitalgateway.org)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
57	 Socioeconomic data and applications center (http://sedac.ciesin.columbia.edu)	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
58	 United Nations Conference on Trade and Development (www.unctad.org)	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
59	 United Nations Research Institute for Social Development (www.unrisd.org)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
60	 University of Kentury Center for Poverty Research - UKCPR (www.ukcpr.org/)	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	3	4	0	7
61	 African Economic Research Consortium (www.aercafrica.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
62		0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6

	 Business Fights Poverty (http://businessfightspoverty.ning.com)																				
63	 Centre for Economic Policy Research (www.cepr.org)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6
64	 CHIP Childhood Poverty Research and Policy Centre Childhood Poverty Research and Policy Centre (www.childhoodpoverty.org/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
65	 CMI CHR. MICHELSEN INSTITUTE Chr. Michelsen Institute (www.cmi.no/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
66	 Comparative Research Programme on Poverty (www.crop.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
67	 Cornell University (www.arts.cornell.edu/poverty)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
68	 Cruzeiro do Sul (www.iid.org.mz)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
69	 Economist.com Economist (www.economist.com)	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6

70	 Esquerda (http://esquerda.net/)	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
71	 Global Issues (www.globalissues.org)	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6
72	 Global Poverty Research Group (www.gprg.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
73	 Grupo Moçambicano da Dívida (www.divida.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
74	 Human Sciences Research Council (www.hsrc.ac.za)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
75	 Institute on Race and Poverty (www.irpumn.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
76	 International Centre for The Eradication of Poverty (www.eradicatepoverty.org)	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
77	 International Development Research	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6

	Centre (www.idrc.ca)																				
78	 International Institute for Environment and Development (www.iied.org/)	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
79	 International Poverty Centre (www.undp-povertycentre.org/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
80	 Kula (www.kula.co.mz)	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
81	 Library index (www.libraryindex.com)	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6
82	 Magazine (http://mocmagazine.blogspot.com)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
83	 www.nscb.gov.ph National Statistical Coordination Board (www.nscb.gov.ph)	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
84	 New York Times (www.nytimes.com)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
85	 Nordiska Afrikainstitutet (www.nai.uu.se)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6

86	 Oxfam International (www.oxfamblogs.org/fp2p)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
87	Peel Poverty Action Group (http://ppag.wordpress.com/)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
88	 Portal del Medioambiente (www.portaldelmedioambiente.com)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
89	 Poverty and Economic Policy (www.pep-net.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
90	 Poverty and Environment Initiative - PEI.UNDP/UNEP (www.unpei.org/)	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
91	 Poverty Mapping (http://povertymap.net)	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6
92	Poverty News Blogs (http://povertynewsblog.blogspot.com)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
93	 Poverty Reduction, Equity and Growth Network (www.pegnet.ifw-kiel.de)	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6

94	 New Policy Institute Poverty Site (www.poverty.org.uk)	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
95	 Povertyblogs (http://povertyblogs.org)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	0	2	0	0	1	5	0	6
96	 Programme Aid Partnership (www.pap.org.mz)	0	0	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6
97	 Project Concern International (www.projectconcern.org)	0	0	0	1	0	0	1	1	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6
98	 Research on Poverty Alleviation (www.repoa.or.tz)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
99	 Rural Poverty Research Center (www.rprconline.org/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
100	 Scottish Poverty Information Unit (www.povertyinformation.org/)	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
101	 United Nations Development Programme (www.undp.org)	0	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
102		0	0	0	0	1	1	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6

	 University of Michigan (http://www.fordschool.umich.edu/)																				
103	 World Hunger Notes (www.worldhunger.org/)	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	1	0	0	2	0	0	3	3	0	6
104	 World Poverty (www.world-poverty.org/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	2	4	0	6
105	 Bill & Melinda Gates Foundation (www.gatesfoundation.org/)	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
106	 Brooks World Poverty Institute (www.bwpi.manchester.ac.uk/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
107	 Center on Business and Poverty (www.cobap.org/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
108	 Combate Poverty Agency (www.cpa.ie/)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
109	 Consultative Group on International Agricultural	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5

	Research (www.cgiar.org)																				
110	Defeating Global Poverty (http://defeatpoverty.com)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	1	0	0	1	4	0	5
111	 Development Research Centre on Migration, Globalisation and Poverty (www.migrationdrc.org)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
112	 Fight Poverty (www.fightpoverty.mmbrico.com)	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
113	 Global Education (www.globaleducation.edna.edu.au)	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
114	 Health Providers Against Poverty (www.healthprovidersagainstpoverty.ca)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	0	1	0	0	1	4	0	5
115	 Center for International Comparisons at the University of Pennsylvania Penn World Table. (http://pwt.econ.upenn.edu)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	1	4	0	5
116	 ANU Research School of Pacific and Asian Studies (http://rspas.anu.edu.au/)	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
117		0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5

	 Results (www.results.org)																				
118	 SWISSAID (www.swissaid.ch)	0	0	0	1	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
119	 United Nations Environment Programme (www.unep.org)	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	1	4	0	5
120	 United States Census Bureau (www.census.gov)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	1	4	0	5
121	 West Coast Poverty Center (http://wcpc.washington.edu)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	2	3	0	5
122	 Women and Law in Southern Africa - WLSA (www.wlsa.org.mz/)	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3	0	0	1	4	0	5
123	 ActionAid (www.actionaid.org)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
124	 African Parliamentary Poverty Reduction Network (http://reseauparp.org/)	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
125		1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4

	 Afrol News Afrol News (www.afrol.com)																				
126	 AKDN AGA KHAN DEVELOPMENT NETWORK Aga Khan Development Network (www.akdn.org)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
127	 Baking With The Poor Network (http://www.bwtp.org/)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
128	 Canal de Moçambique (www.canalmoz.com)	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
129	 Centro de Integridade Pública (www.integridadepublica.org.mz)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
130	 FAPO. Anti-Poverty Organization (www.antipoverty.com/)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
131	 Fuel Poverty Indicator Website (www.fuelpovertyindicator.org.uk/)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
132	 Gospel Poverty (www.gospelpoverty.com)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
133	 Help! Make it happen! (www.help.co.uk)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4

134	 Mana (www.igrejamana.com/index.php)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
135	 Igreja Universal do Reino de Deus (www.igrejauniversal.org.br)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
136	 Instituto Nacional de Estatística (www.ine.gov.mz)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
137	 MDG Monitor (www.mdgmonitor.org)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
138	 Ontario Coalition Against Poverty - OCAP (www.ocap.ca/)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
139	 Poor Magazine (www.poormagazine.com/)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
140	 Poor News Networks (www.poormagazine.com)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
141	 PovNet (www.povnet.org)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
142		0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	2	2	0	4

	Sage Journals Online (www.sagepub.com/home.nav)																				
143	 União Nacional das Entidades Islâmicas (http://uniaoislamica.com.br)	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
144	 United States Department of Health & Human Services (http://aspe.hhs.gov)	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
145	 Zion Christian Church (www.zionchristian.org)	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	0	0	1	3	0	4
146	 Care (www.care.org)	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	2	0	3
147	 Center for the Study of Urban Poverty (www.sscnet.ucla.edu/issr/csup/index.php)	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	1	0	3
148	 Latin American and Caribbean Economic Association (www.lacea.org)	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	2	0	3
149	 Lift Above Poverty	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	2	0	3

	Organization - LAPO (www.lapo-ng.org/)																				
150	 TOWSON UNIVERSITY TOWSON, MARYLAND TOWSON UNIVERSITY (EST. 1966) Towson University (www.towson.edu/)	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	1	2	0	3

Breve nota sobre os autores

António Francisco é actualmente Director de Investigação no IESE. Doutorado em Demografia, pela Australina National University, Research School of Social Science, Canberra, 1997; Licenciado em Economia, Faculdade de Economia, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1987. Tem como área de investigação cenários de crescimento económico e estratégias de acumulação, no multiverso económico contemporâneo em Moçambique. É também Professor Associado da Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane, sendo o Regente da disciplina de Economia do Desenvolvimento, cadeira do 3º Ano, Curso de Economia.

Rosimina Samusser Ali é licenciada em Economia pela Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane (2008). Presente trabalha como Assistente de Investigação do Instituto de Estudos Sociais e Económicos. Lecciona como Assistente da cadeira de Economia do Desenvolvimento, do 3º ano do curso de Economia, na Faculdade de Economia da Universidade Eduardo Mondlane.